

Entre a espada e o Guadiana: a batalha de Valverde (outubro de 1385)

João Manuel Caetano Pereira
joaomcp27@gmail.com

Resumo

Esta investigação tem como foco a batalha de Valverde, que decorreu em outubro de 1385 perto de Valverde de Mérida, entre forças do Reino de Portugal e do Reino de Castela, durante o Interregno de 1383-85. Esta investigação centra-se nesta batalha pouco explorada, defendendo que esta foi muito mais importante do que anteriormente pensado, e tenta propor respostas às suas múltiplas questões. Quem eram os combatentes presentes? Quais foram as formações e ordens de batalha adotadas? Como o curso do confronto afetou as táticas utilizadas? Que repercussões teve nos reinos que derramaram o seu sangue sobre o Guadiana? A elaboração deste trabalho foi possível através do uso de três crónicas principais, elas sendo a *Crónica do Condestabre*, de autoria anónima, a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes e, por último, a *Cronicas de los Reyes de Castilla*, de Pero López de Ayala, apoiadas por bibliografia de História Militar recente, nomeadamente obras de João Gouveia Monteiro. Este confronto, que decorre perto da fronteira portuguesa-castelhana, é normalmente marginalizado pela mais famosa batalha de Aljubarrota, que decorreu anteriormente, sendo muitas vezes vista como a sua continuação ou o seu rescaldo. Defendemos que este evento foi um golpe militar decisivo ao esforço de guerra castelhano, por parte do condestável português D. Nuno Álvares Pereira, esta sendo a última grande contenda militar entre os dois reinos neste conflito.

Palavras-Chave: Valverde; Nuno Álvares; Incursão; Efetivos; Moral.

Abstract

This work focuses on the battle of Valverde, that took place in October of 1385 near Valverde de Mérida, between forces of the Kingdom of Portugal and the Kingdom of Castille, during the Portuguese Interregnum of 1383-1385. This research explores this seldom studied battle, arguing that it has a much greater importance than before thought, and tries to propose possible answers to its many questions. Who were the combatants? Which formations and battle orders were applied? How did the course of the conflict affect the tactics used? What repercussions did it have on the kingdoms that shed their blood in the Guadiana? The making of this work was possible through the use of three main chronicles, those being the *Crónica do Condestabre*, written by an anonymous author, the *Crónica de D. João I*, by Fernão Lopes and, lastly, the *Cronicas de los Reyes de Castilla*, by Pero López de Ayala, supported by recent military history bibliography, namely the works of João Gouveia Monteiro. This conflict, which takes place near the portuguese-castilian border, is normally sidelined for the more famous battle of Aljubarrota, which took place earlier, often seen as a continuation or an aftermath it. We defend that this event was a decisive military blow to the castilian war effort by the portuguese constable, D. Nuno Álvares Pereira, this being the last major field battle of this war between the two kingdoms.

Keywords: Valverde; Nuno Álvares; Incursion; Soldiers; Moral.

Abreviaturas

CC- *Crónica do Condestabre*

CDJ- *Crónica de D. João I*

CRC- *Crónicas de los Reyes de Castilla*

Introdução

O tema a ser abordado é a batalha campal de Valverde, travada entre uma hoste portuguesa, sob o comando do condestável de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira, e uma hoste castelhana, que cercou o exército português durante a sua travessia do rio Guadiana, atacando-o pela vanguarda e pela retaguarda. A batalha terminou em vitória portuguesa, após a morte do mestre da ordem de Santiago, levando à retirada das forças castelhanas. Este trabalho visa explorar o acontecimento militar decorrido em Valverde de Mérida, em Outubro de 1385. Este confronto permanece até aos nossos dias como a “ainda algo misteriosa batalha de Valverde”¹, procurando-se formular hipóteses às múltiplas questões à contenda final em campo aberto desta guerra. Quem eram os combatentes presentes? Quais foram as formações e ordens de batalha adotadas? Como o curso do confronto afetou as táticas utilizadas? Que repercussões teve nos reinos que derramaram o seu sangue sobre o Guadiana?

Este estudo é aberto com uma breve análise da Crise de 1383-1385 de forma a introduzir não só o conflito em que decorre a batalha, mas também a conjuntura após o confronto em Aljubarrota e a personagem central deste estudo, D. Nuno Álvares Pereira, o condestável de Portugal e mordomo-mor do reino, desde o dia 6 de abril de 1385, após a conclusão da reunião das cortes em Coimbra².

A dissecação do confronto irá consistir, em primeiro lugar, na análise da incursão, como decorreu e os seus possíveis objetivos, seguida por uma descrição das hostes presentes, que irá incluir os comandantes e notáveis presentes e o possível número de guerreiros e o seu estado, o seu moral e experiência em batalha. De seguida prosseguirá a análise do confronto de armas, disposições das forças, táticas e decisões tomadas durante a batalha, a sua conclusão e consequências imediatas após o triunfo do condestável.

¹ MONTEIRO, João Gouveia- *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo: os três rostos do Condestável*. Barcarena: Letras & Diálogos, 2017. (Manuscrito). ISBN 978-989-8871-24-4. p. 116.

²*Ibidem*. p. 106.

No que toca às fontes, iremos recorrer somente a crónicas, sendo elas a *Crónica do Condestabre*, de autoria anónima, a *Crónica de D. João I*, da autoria de Fernão Lopes e, por último, a *Crónica dos Reis de Castela*, elaborada por Pero López de Ayala.

A *CC* é uma fonte de enorme importância, pois possui o relato mais antigo existente da batalha, que inclui uma descrição das forças combatentes, nomeadamente do lado português, tal como uma descrição da ação militar e do episódio da “reza”. É desconhecido o autor desta crónica, tendo esta sido escrita pouco depois da morte de Nuno Álvares (no ano de 1431), mas “que a *Corónica* deve ter saído da mão de alguém que acompanhou o condestável parece-nos inegável”³. Talvez este tivesse até participado na batalha, ou que talvez conseguiu acesso a alguma documentação relativa à batalha, um registo ou relato da ação militar, uma memória, uma carta, ou algo nessa vertente. A edição utilizada é da Academia Portuguesa da História, com preparação do texto e introdução por António Machado de Faria.

No que toca aos registos da batalha, é de imenso valor a *CRC* de Pero Lopez Ayala, que retrata os reinados de D. Pedro I até ao reinado de D. Henrique III de Castela, o que inclui o reinado de D. Juan I, o monarca castelhano durante a crise de 1383-1385. Pero López de Ayala foi não só contemporâneo da crise, mas um participante ativo, encontrando assim na sua obra o material ideal para a perspetiva castelhana do encontro militar. Apesar disto, é de notar que, ao contrário de Aljubarrota, Ayala não esteve presente no confronto em Valverde, já que tinha sido capturado como prisioneiro de guerra após a derrota castelhana na batalha anterior. A versão da *CRC* de Pero Lopez Ayala a que recorreremos é a de 1779, impressa pelo editor, impressor e encadernador espanhol Antonio de Sancha, com as emendas e críticas de Jerónimo Zurita e, mais tardiamente, Eugenio de Llaguno y Amírola.

Em último lugar apontamos a *CDJ*, da autoria de Fernão Lopes em 1443, o primeiro cronista oficial do Reino de Portugal. A edição desta crónica a que recorreremos é que possui uma introdução por Humberto Baquero Moreno. Seleccionamos esta crónica pois ela é incontornável em tudo o que toca à subida ao trono do mestre de Avis e o seu reinado como D. João I, Rei de Portugal até ao ano de 1411, sendo nesta cronologia que decorre a batalha a ser explorada.

A análise das crónicas deve ser sempre feita com um certo nível de ceticismo e cuidado, nomeadamente em relação a exageros de feitos, inflação do número de

³ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1972. p. 28.

guerreiros e a perspetiva ideológica do cronista. Para esse fim, planeamos cruzar a informação presente nas três fontes, de forma a conseguir aproximar-nos melhor do que poderá ter sido a realidade do confronto.

Tendo isto em conta, procuramos nestas narrativas da batalha os movimentos das hostes, os números atribuídos a cada uma e possíveis alusões ao seu moral, o desenrolar e desfecho desta contenda, além do rescaldo destes eventos.

1. A crise de 1383/85, um rei bastardo e o seu condestável

A morte do “formoso” rei D. Fernando, a 22 de outubro de 1383, deixou o Reino de Portugal numa situação algo precária pois, segundo os artigos do tratado de Salvaterra de Magos, se D. Fernando falecesse sem deixar um filho varão, a coroa passaria para D. Beatriz, sua filha, e o seu esposo, D. Juan I, rei de Castela. O filho varão desta união iria herdar a coroa de Portugal que, segundo os termos do tratado, se encontrava firmemente separada da coroa castelhana. Mas a possibilidade de uma união destes dois reinos ibéricos não era nenhuma conceção inimaginável, pois se deste matrimónio não surgisse um herdeiro, a linha de sucessão da coroa de Portugal passaria para o rei de Castela e os seus descendentes. Encontrava-se, entretanto, como regente a viúva do falecido rei, D. Leonor Teles, com o conde de Andeiro a seu lado⁴.

Nesta conjuntura, uma conspiração nasce para implantar uma nova regência, opondo-se a D. Leonor Teles, ao conde de Andeiro e o grupo de nobres à sua volta, encontrando-se no seio destes conspiradores João, o mestre de Avis, filho bastardo do rei D. Pedro e Teresa Lourenço. O mestre de Avis tinha sido posicionado como fronteiro no Alentejo pela regente, de forma a preparar uma defesa da região fronteiriça face a um antecipado ataque castelhano. É nesta altura que o Mestre ignora o seu posto e participa no assassinato do conde de Andeiro no Paço de Lisboa⁵.

Apesar das dúvidas em relação ao seu destino, o mestre de Avis aceita o cargo da regência, tomando o título de “Regedor e Defensor do Reino” e entra logo em ação para preparar a defesa do reino⁶.

⁴ MARQUES, A. H. de Oliveira- A Conjuntura, in *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Vol. 4 de: Nova História de Portugal/dir. de Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques. Lisboa: Presença, 1987. p. 523.

⁵ MARQUES, A. H. de Oliveira- “D. João I” in *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas. 1999-2000 Vol. III, coord. Joel Serrão. p.383.

⁶ MARQUES, A. H. de Oliveira- A Conjuntura, in *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. (...). p. 534.

Nestes dias iniciais ao serviço de D. João, Nuno Álvares esteve presente em alguns confrontos militares, como por exemplo o cerco do castelo de Lisboa⁷, mas seria na batalha dos Atoleiros que ele iria demonstrar a sua aptidão como comandante, derrotando uma força numericamente superior, através de uma boa escolha de terreno e de boas táticas (desmontando os seus homens de armas, enfrentando a cavalaria castelhana com blocos disciplinados de infantaria equipados com lanças)⁸.

Apesar desta notável vitória, o balanço da guerra acabava de ficar muito desfavorável para a causa de D. João pois o final do mês de maio marca a chegada da hoste real de Castela perante as muralhas de Lisboa, apoiada por uma frota castelhana que bloqueava o porto da cidade, o cerco de Lisboa havia começado. Este prolongou-se até ao terceiro dia de setembro, dia em que o monarca castelhano, após sofrer pesadas baixas devido a um surto de peste, ordena a retirada da sua hoste. Em seguida, assistiu-se a uma consolidação de território por parte das forças leais ao mestre, aproveitando esta retirada para ocupar cidades que haviam favorecido a causa do monarca castelhano⁹.

No ano seguinte decorre uma reunião das Cortes do reino em Coimbra que, após uma prestação decisiva do Dr. João das Regras, aclamam o mestre de Avis como rei de Portugal, o décimo monarca a ascender ao trono. O seu braço militar, Nuno Álvares iria receber os cargos de condestável e mordomo-mor do reino, duas posições de extrema importância, que demonstram o seu valor para a causa de D. João I, nomeadamente ao seu domínio do campo de batalha, tornando-se assim a principal autoridade do exército português, só abaixo do próprio monarca na hierarquia militar. Mas esta ascensão ao trono não iria passar sem ser desafiada pelo monarca castelhano, que preparava agora um ataque concêntrico ao reino, de forma a punir esta aclamação¹⁰.

Este ataque viria a ser desafiado na sua entrada no reino, não pelo recente aclamado rei, nem pelo seu condestável, mas antes por forças locais. Nos últimos dias de maio, uma notícia veio aumentar a moral das forças leais a D. João, pois no campo de batalha de Trancoso, os fidalgos da Beira enfrentaram e infligiram uma derrota ao esforço militar castelhano¹¹.

⁷ *Ibidem*. pp. 88-90.

⁸ MONTEIRO, João Gouveia– “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449) - Os desafios da Maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004.- ISBN 972-42-3075-9. p. 262.

⁹ *Ibidem*. pp. 264-268.

¹⁰ MONTEIRO, João Gouveia- *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo: os três rostos do Condestável*. (...). p. 106.

¹¹ MONTEIRO, João Gouveia- “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449) - Os desafios da Maturidade”. (...). p. 272.

A ofensiva castelhana foi deitada por terra em Trancoso, forçando D. Juan I a uma mudança de estratégia, optando por um impulso forte por Almeida, descendo por Coimbra, com Lisboa novamente como objetivo. Enquanto o exército marchava em direção à capital, saqueando pelo caminho, as forças de D. João I, por suposta pressão do novo condestável, decidiram enfrentar a força invasora no campo de batalha. Num planalto, demarcado por dois riachos em cada lado, fortificado por fossas e covas-de-loba, os apoiantes do Mestre de Avis triunfariam sobre a hoste de D. Juan I, que detinha uma vantagem numérica significativa, após a queda do estandarte real no momento crítico da batalha¹².

2. A Batalha de Valverde

2.1. A Campanha de Outono

Após o triunfo no campo de batalha de Aljubarrota, as forças de D. João I reagruparam em Santarém, onde o monarca atribuiu o título de conde de Ourém ao vitorioso condestável. Após isto, as duas figuras seguiram caminhos distintos, enquanto o rei cavalgou para o norte do reino, Nuno Álvares dirigiu-se para Évora, onde se começava a preparar para uma nova campanha, reunindo vários contingentes de homens de armas, besteiros e peões. Esta hoste partiu para Estremoz, com intenções de entrar em Castela, passando por Vila Viçosa antes de atravessar o Guadiana. A hoste dirigiu-se para Badajoz¹³, onde ficou alojada. Segundo as crónicas, ocorreu durante esta estadia a matança de um grande porco, que foi interpretada como um presságio divino, que trazia consigo a mensagem que a morte de um grande senhor de Castela era iminente¹⁴.

Fernão Lopes, na *CDJ*, questiona a motivação desta incursão a Castela, apontando que houve quem dissesse que tinha sido sob ordem de D. João I, mas o cronista descarta esta opção, dizendo que o monarca não colocaria um comando destes sob o condestável imediatamente após tanto tempo de serviço sem pausa. Ainda menciona que o rei pode simplesmente ter ordenado o guardião da comarca de volta para o seu posto e, já em Évora, Nuno Álvares foi informado de entradas clandestinas em Portugal de castelhanos, procurando punir estas transgressões. Fernão Lopes defende que esta incursão decorreu porque o condestável, na sua experiência como militar, viu a oportunidade para invadir

¹² *Ibidem*. pp. 273-274.

¹³ Ver Anexo 1.

¹⁴ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...). p. 147.

Castela após a pesada derrota em Aljubarrota¹⁵, que causou um decréscimo enorme na moral castelhana e originou um luto real até ao Natal de 1387¹⁶.

Nuno Álvares já se tinha provado como um general de qualidade, a nível tático e estratégico, e audaz nas decisões que tomava. Após o confronto de Aljubarrota, a iniciativa da guerra passava para a causa de D. João I, e procurando capitalizar após essa vitória, o condestável decide liderar uma incursão sobre uma Castela que se encontrava fragilizada¹⁷.

Apesar disto, surge a questão, qual o objetivo desta incursão? Para chegar a uma possível resposta, achamos necessário fazer um exercício de comparação a uma outra campanha militar semelhante a esta incursão, a “Chevauchée” do Príncipe Negro durante a Guerra dos 100 anos, que concluiu com a batalha de Poitiers.

Tal como em Valverde, a batalha de Poitiers aconteceu após uma hoste inglesa orquestrar uma expedição na zona da Aquitânia, onde tomaram uma política de saque e terra queimada¹⁸, até serem confrontados por um exército inimigo numericamente superior. Aqui, tal como o condestável, o Príncipe Negro tentou atravessar o Loire¹⁹, mas a sua travessia foi desafiada pela hoste inimiga. Ambas as batalhas terminaram com um contra-ataque da hoste expedicionária que, no caso inglês, capturou o monarca francês, e no caso português, terminou com a morte do mestre da ordem de Santiago.

É incerto se o objetivo do Príncipe Negro foi saquear e devastar território inimigo com o intuito de provocar uma batalha decisiva ou puramente para enfraquecer o abastecimento e esforço de guerra inimigo, mas o certo é que esta ação levou a um confronto dessa magnitude. A batalha de Valverde espelha de certa forma isto, especialmente quando temos em conta o episódio da “profecia” na *CC*, que apesar de não perder o seu cariz de embelezamento, alude a um pensamento muito mais profundo, em que o condestável procurava infligir um golpe pesado na liderança castelhana²⁰, que acabou por se suceder com a morte do mestre da principal ordem militar presente em Castela.

¹⁵ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. Porto, Livraria Civilização, 1983. pp.139-140.

¹⁶ MONTEIRO, João Gouveia- *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo: os três rostos do Condestável*. (...) p. 114.

¹⁷ É completamente plausível que Nuno Álvares estivesse também informado do luto proclamado em Castela através da sua rede de informação.

¹⁸ Algo que é mencionado nas crónicas em relação a Valverde, com as mensagens dos nobres castelhanos durante os desafios cavaleirescos antes da batalha e um episódio em que guerreiros portugueses saqueiam e consomem imensos vinhos em Almendral, ambos abordados mais à frente.

¹⁹ Guadiana no caso ibérico.

²⁰ Já extremamente abalada após a derrota de D. Juan I em Aljubarrota.

O possível desejo do condestável português de forçar uma batalha decisiva é reforçado pelas palavras de Fernão Lopes, apontando que “ele mandou primeiro perceber os castelhanos, dizendo que queria fazer a sua entrada e que tinha intenção de correr a terra. E eles perceberam logo, foram apelidadas todas as vilas e lugares daquela comarca, que de outra guisa não se juntaram em tão breve espaço tais senhores com tantas gentes se não foram deste jeito percebidos”²¹. É muito questionável se a audácia de Nuno Álvares tinha chegado ao nível de avisar os seus inimigos do seu ataque, especialmente quando o simples movimento da sua hoste na fronteira seria suficiente para atrair a atenção do inimigo, mas acredito que este procurava utilizar a iniciativa conseguida em Aljubarrota para forçar um confronto decisivo e infligir um golpe mortal à capacidade militar castelhana.

Esta comparação levanta ainda questões sob a hoste de Nuno Álvares, que se afasta da composição tradicional de uma força militar de um nobre, preferindo contingentes de homens de armas²² e peões, apoiados com besteiros e arqueiros, à ferocidade e força, muitas vezes indisciplinada e de baixa coesão, da cavalaria pesada. Isto, combinado com o grau de autonomia que o condestável operou durante esta campanha, assemelha-se imenso às companhias de armas presentes na Guerra dos 100 Anos. João Gouveia Monteiro compara a hoste de Nuno Álvares com a companhia de armas do condestável francês Bertrand du Guesclin, que, muito como o seu homólogo português, procurava confrontos decisivos no campo de batalha, em vez da guerra de atrito e tempo de cerco após cerco, muito comum durante a época medieval²³.

A hoste portuguesa será analisada com maior pormenor na secção seguinte, mas é de apontar que o Condestável reuniu uma hoste numerosa, proficiente e com o seu moral bem elevado.

De Badajoz, a hoste avançou pelo território castelhano até Almendral²⁴, onde o exército ficou alojado pela noite, que não passou sem distúrbios, pois alguns dos guerreiros portugueses ficaram embriagados após a pilhagem de múltiplas pipas de vinho local. Talvez para reprimir os seus subordinados pelo seu comportamento, mas muito provavelmente por se encontrar já bem dentro de território inimigo, o condestável

²¹ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p.140.

²² Apeados em mais que uma ocasião.

²³ MONTEIRO, João Gouveia- “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449) - Os desafios da Maturidade”. (...) p. 194.

²⁴ Ver Anexo 1.

reorganizou a hoste portuguesa para batalha no dia seguinte, antes que esta continuasse a sua marcha.

Esta ação demonstra que o condestável esperava ser confrontado. É possível que os batedores da hoste portuguesa tenham descoberto a concentração castelhana, ou simplesmente esta é a resposta natural de um comandante experiente, uma atitude cautelosa que indica que Nuno Álvares esperava um confronto iminente, que esta incursão não iria passar sem ser desafiada, mesmo apesar do luto declarado no reino de Castela após a batalha de Aljubarrota.

Após a atribuição da liderança dos diferentes contingentes da hoste, ela continuou a sua marcha, chegando a Parra, onde se depararam com o mestre de Alcântara, D. Martim Anes de Barvudo, acompanhado de 300 lanças, que, segundo as crónicas, fingia se aproximar dos animais de carga que acompanhavam a hoste. De um ponto de vista estratégico, a função principal desta unidade avançada deveria ser o reconhecimento e assediar a hoste portuguesa na sua marcha, procurando aberturas para pequenos ataques rápidos direcionados ao seu abastecimento. Nuno Álvares, acompanhado por um contingente, perseguiu o mestre de Alcântara, que retirou para uma serra local. A hoste portuguesa continuou a sua marcha em direção a Çafra²⁵, o que deu a oportunidade às isoladas 300 lanças castelhanas para abandonarem a serra, mas, após um novo aparecimento da vanguarda portuguesa, elas voltaram a retirar. A coluna continuou a sua marcha, de Çafra para Vila Garcia²⁶, terras do nobre D. Garcia Fernandez, cujo castelo foi encontrado abandonado, sendo assim ocupado pelas forças portuguesas²⁷.

Durante a estadia da hoste portuguesa em Vila Garcia, os nobres castelhanos, que se reuniam para enfrentar os invasores, enviaram vários mensageiros ao condestável de Portugal, que lhe entregaram múltiplas varas e palavras de desafio. É possível que esta ronda de formalidades cavaleirescas por parte da liderança castelhana indique um certo grau de confiança, que pode ser justificada pela vantagem numérica face à hoste portuguesa, mas as palavras dos mensageiros revelam outra coisa, acusando todos o condestável de saques, razias e geral destruição das terras castelhanas. Naturalmente, o diálogo presente nas crónicas deve ser interpretado com ceticismo, mas tamanha repetição da mesma acusação não pode ser ignorada. Aqui surge a dúvida se isto seria a simples ação de guerreiros em marcha, pois a busca de espólios de guerra é uma parte integral de

²⁵ Ver Anexo 1.

²⁶ Ver Anexo 1.

²⁷ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...). pp. 147-149.

qualquer campanha, ou uma tática deliberada do condestável para atrair os nobres castelhanos para o campo de batalha? Forçando assim a batalha decisiva que resultaria na antecipada morte de um “grande senhor de Castela”²⁸.

O condestável desejava visitar o mosteiro de Santa Maria de Guadalupe, mas abandonou esse trajeto para evitar danificar as suas terras, dando meia-volta e dirigindo-se para os arredores de Maguazela²⁹, onde encontrou novamente o Mestre de Alcântara, reforçado com muitas mais lanças. Nuno Álvares lançou-se em perseguição de D. Martim Anes, obrigando-o a retirar para segurança, abrindo caminho para a marcha da hoste portuguesa para Vila Nova de Serena³⁰, onde passaram a noite. No dia seguinte, a hoste continuou a sua marcha, dirigindo-se para a localidade de Valverde de Mérida³¹, com intenção de atravessar o Guadiana. Durante a marcha, o mestre de Alcântara regressou, agora acompanhado de mais de 1000 cavaleiros e homens montados, e assediou³² a hoste portuguesa, gerando várias escaramuças. Estas escaramuças devem ter se resumido a ações de retaguarda por parte do prior do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo e de Gonçalo Eanes de Abreu, os comandantes da retaguarda portuguesa, que se prolongaram até ao anoitecer. O condestável acantonou a sua hoste a caminho de Valverde, colocando vários guardas em volta do perímetro do acampamento³³.

A hoste portuguesa ia ser desafiada em múltiplas ocasiões no dia seguinte, as forças de Nuno Álvares iriam confrontar uma força inimiga que detinha uma grande vantagem numérica e de terreno. O condestável reuniu uma última vez nessa noite os seus comandantes e cavaleiros para certificar-se que todos sabiam as suas posições e para os encorajar para o desafio que iam enfrentar. Nuno Álvares ponderou uma travessia noturna do Guadiana, de forma a apanhar a hoste inimiga de surpresa, desorganizada e não preparada para guerrear, mas descartou esta hipótese, devido ao facto de já ser demasiado tarde³⁴.

Com as duas hostes posicionadas, a tentar encontrar umas últimas horas de descanso antes do seu inevitável encontro, o cenário estava montado para o confronto de armas de Valverde.

²⁸ *Ibidem*. pp. 150-152.

²⁹ Ver Anexo 1.

³⁰ Ver Anexo 1.

³¹ Ver Anexo 1.

³² A uma distância que não o comprometia a uma batalha campal.

³³ *Ibidem*. pp. 152-153.

³⁴ *Ibidem*. pp. 153-154.

2.2. As hostes presentes e a sua constituição

Antes de iniciarmos a análise dos respetivos efetivos de cada exército, gostaríamos de fazer um pequeno apontamento sobre a considerável dificuldade em apurar números de exércitos. Os efetivos que apresentamos são hipóteses, longe de serem factos concretos, baseados nos registos das crónicas. Esta análise não tem só em conta os números apontados pelos cronistas, mas também o contexto da crise em que a batalha decorre, as zonas e tempo de recrutamento e os feitos militares executados durante a batalha.

Os números apresentados de seguida foram calculados com as descrições da batalha em mente, e se tais operações eram possíveis com os números apresentados pelos autores. Nesta vertente, é importante ter em conta as divisões táticas de ambas as hostes, os seus movimentos táticos e feitos militares. Os auxiliares e acompanhantes da hoste são calculados como sendo 1/3 do número dos guerreiros.

No que toca ao número de efetivos da hoste do condestável, as crónicas divergem no número que atribuem aos guerreiros que foram reunidos para esta expedição, a CC e Pero López de Ayala falam em 800 lanças acompanhadas por 6000 peões, enquanto Fernão Lopes aponta 1000 lanças e 2000 peões e besteiros³⁵.

Cada lança geralmente era composta por três guerreiros montados³⁶, mas estes cavaleiros, em casos de maior poder e riqueza, podiam ser acompanhados por auxiliares montados ou apeados³⁷, que em casos podiam ultrapassar a meia dúzia³⁸.

Comparando a possibilidade de recrutamento em Portugal a regiões europeias mais populosas, como a França ou até mesmo Castela, é prudente limitar o número possível destas lanças a 3 efetivos, que deve também balançar bem entre lanças maiores e lanças menos numerosas. Esta atribuição deve oferecer uma boa aproximação do que poderá ter sido o contingente das lanças, que deverá ter rondados os 3000 homens.

No que toca aos peões, o número de 2000 efetivos apontado por Fernão Lopes parece muito pequeno, tendo em conta a escala da batalha de Valverde³⁹ e o tempo de preparação da campanha⁴⁰, possivelmente um pormenor do cronista, que diminuiu

³⁵ Ver anexo 2.

³⁶ Cavaleiro, escudeiro e pajem.

³⁷ Homens de armas, peões, besteiros ou arqueiros.

³⁸ MARQUES, A. H. de Oliveira- A Arte da Guerra, in *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Vol. 4 de: Nova História de Portugal/dir. de Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques. Lisboa: Presença, 1987. p. 349.

³⁹ A execução do plano do Condestável português seria praticamente impossível com um número tão reduzido de efetivos.

⁴⁰ Que foi por volta de um mês.

consideravelmente o tamanho deste contingente, em relação à *CC*, para aumentar o heroísmo dos guerreiros portugueses.

Acredito também que os 6000 peões apresentados na *CC* seja um número um pouco exagerado, creio que seria prudente baixar ligeiramente este número, para 5000 peões. O que significaria que o Condestável contava consigo por volta dos 8000 guerreiros. Ainda é importante contabilizar os auxiliares e não combatentes que acompanhavam a hoste⁴¹, que deviam rondar os 2500. A hoste reunida por Nuno Álvares usufruiu de um mês de recrutamento e preparação, e atravessava a fronteira procurando um confronto decisivo no campo de batalha.

No que toca ao lado castelhano, a *CDJ* baliza a força castelhana entre 50.000 e 33.000 efetivos⁴², enquanto a *CC* não fala em números concretos, se não em relação às lanças do mestre de Alcântara⁴³ e a força inicialmente enfrentada pelos portugueses quando atravessaram o Guadiana, atribuindo-lhe sete a oito mil homens, semelhantes aos 10.000 atribuídos por Fernão Lopes, mas aponta que se reuniram as forças da Extremadura, Andaluzia e da Mancha de Aragão⁴⁴, a que a *CRC* adiciona os cavaleiros de Córdoba e aponta ainda que as forças castelhanas continham peões em muito maior número que forças montadas⁴⁵.

Fernão Lopes aponta ainda que “todos os autores (...) afirmam que era muita mais gente que a da batalha real, mas não eram tão grandes senhores nem gentes escolhita nem assim guardidos”⁴⁶. E como vamos ter oportunidade de verificar na secção seguinte deste estudo, a força castelhana era volumosa o suficiente para, com apenas parte da sua força, cercar parcialmente a hoste portuguesa antes da sua travessia do Guadiana.

É certo que a nobreza castelhana regional se reuniu em força para responder a esta ameaça, múltiplos nobres e três ordens militares formam uma força notável, além de recrutarem de uma zona muito expansiva⁴⁷. Ao contrário do que aponta Fernão Lopes, encontramos nomes como Gusmão e Lacerda, famílias muito poderosas da nobreza castelhana. A isto se adiciona o comentário de Ayala, que transmite que a força castelhana continha muitos mais peões do que homens montados. Tendo esta informação em conta,

⁴¹ Cujo conceito é mais bem explorado na análise da hoste castelhana.

⁴² LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 146.

⁴³ Que contava com mil lanças no seu último encontro com Nuno Álvares antes da batalha.

⁴⁴ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...) p. 151.

⁴⁵ LÓPEZ DE AYALA, Pero- *Cronicas de los Reyes de Castilla: Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, Don Enrique III*. Madrid, 1779. p. 239.

⁴⁶ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 146.

⁴⁷ Andaluzia, Extremadura e a fronteira com Aragão, com contingentes de grandes cidades como Córdoba, Sevilha e Jaén.

conjugada com esta área grande de recrutamento, orquestrada por senhores com extensos domínios, e com o curto tempo de recrutamento, podemos considerar que a maior parte desta força não era composta por o que podemos considerar como guerreiros dedicados à guerra⁴⁸, mas antes camponeses reunidos por obrigações feudais e milícias locais levantadas rapidamente.

Tendo em conta o ponto em que a batalha de Valverde decorre, o possível profissionalismo e experiência de batalha dentro de Castela diminui ainda mais. Os exércitos castelhanos haviam sofrido baixas extensas durante o cerco de Lisboa e no campo de batalha em Aljubarrota, a que se somavam as derrotas menores nos Atoleiros e em Trancoso. Ainda para mais, a hoste régia, que englobava os melhores contingentes do reino e auxiliares de qualidade para uma campanha militar bem-sucedida, não se encontrava presente, mas em recuperação após a sua derrota.

Podemos ponderar ainda que este número incluiu os não efetivos que seguiam o exército na carriagem, como ferreiros e artesãos que mantinham as armas dos guerreiros, ou aqueles que geriam as centenas de cabeças de gado que acompanhavam o exército, que compunha uma parte significativa de qualquer hoste. Como nos diz João Gouveia Monteiro, “tudo isto exigia o trabalho de milhares de pessoas, arrieiros e carroceiros, diretamente contratados pela administração régia e/ou por intermédio dos concelhos”⁴⁹.

As circunstâncias que rodeiam este exército castelhano são muito diferentes do habitual, contando com um tempo de preparação curto e sem o apoio da administração régia na sua organização. Sem dúvida que a hoste organizou uma carriagem de abastecimento capaz de apoiar a sua mobilização, mas é seguro assumir que esta não incluía grande especialização, como ferreiros ou físicos.

É de apontar que tamanha era a vantagem numérica castelhana sobre a força portuguesa, que o mestre de Santiago se sentiu confiante ao ponto de dividir a sua força para assediar a travessia portuguesa do Guadiana, em vez de concentrar todos os seus guerreiros em uma das margens do rio.

Concluindo, acredito que a hoste reunida para enfrentar a incursão do condestável tenha numerado os 33.000 apontados por Fernão Lopes, incluindo milhares de carroceiros com os mantimentos necessários e auxiliares reunidos rapidamente. Tendo em conta a

⁴⁸ Homens de armas ou sargentos e besteiros, no caso dos peões.

⁴⁹ MONTEIRO, João Gouveia- “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449) - Os desafios da Maturidade”. (...). p. 223.

proporção certa dentro desta hoste⁵⁰, estimamos que o número de guerreiros tenha sido por volta dos 25.000 efetivos⁵¹, dos quais 2/3 seriam os peões não profissionais já mencionados, apoiados por volta de 8.000 auxiliares e carroceiros.

Deste modo, podemos verificar que a hoste castelhana detinha uma vantagem numérica de 3 para 1 sobre a hoste portuguesa, algo que é representado na *CDJ* com “E quando o Condestável chegou, cercaram logo toda a sua hoste com tanta espessidão de gente, que os portugueses no meio dos seus inimigos pareciam uma pequena eira no espaçoso campo”⁵².

A disposição de batalha foi a habitual para um exército da época, contando com uma vanguarda e uma retaguarda, apoiada por contingentes em ambas as alas. A vanguarda estava sob o seu comando direto, rodeado de cavaleiros por si escolhidos, enquanto a liderança da retaguarda foi atribuída ao prior da ordem do hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo e a Gonçalo Eanes de Abreu, acompanhados de outros cavaleiros.⁵³ As alas estavam sob o comando de Gonçalo Annes de Castelo de Vide e Martim Afonso de Melo, cada um comandando um dos respetivos flancos⁵⁴.

A força castelhana estava sob a liderança do mestre da ordem militar de Santiago, D. Pedro Moniz, e continha dentro do seu número as forças de D. João Afonso de Gusmão, conde de Nebra; Gonçalo Nunez de Gusmão, mestre da ordem militar de Calatrava; D. Gastão de Lacerda, o conde de Medina Celi; D. Gaston de Lacerda; D. Pedro de Ponce de León, senhor de Marchena; D. Afonso Fernandez de Córdoba, senhor de Aguilar, com o seus irmãos Gonçalo Fernandez e Diego Fernandez; Martim Fernandez Porto Carreiro acompanhado com outros 24 nobres de Sevilha⁵⁵; além dos nobres portugueses D. Martim Anes de Barvudo, mestre da ordem militar de Alcântara, Fernão Gonçalves e Gonçalo Rodrigues de Sousa⁵⁶.

As forças castelhanas estavam divididas em duas formações, a principal força encontrava-se posicionada na margem oposta do Guadiana, em posições defensivas nos cabeços e sob o comando do mestre de Santiago. Uma segunda força castelhana, de 15.000 guerreiros encontrava-se posicionada na outra margem do Guadiana.

⁵⁰ Um equilíbrio entre efetivos e auxiliares.

⁵¹ Acredito que seja uma estimativa apropriada, tendo em conta os eventos da batalha e a estratégia castelhana.

⁵² LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 147.

⁵³ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...) p. 148.

⁵⁴ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 142.

⁵⁵ Inclusive carregando o pendão da cidade.

⁵⁶ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...) p. 151.

A hoste reunida por Nuno Álvares era composta por um grande contingente de homens de armas⁵⁷ e é muito provável que o contingente de peões contivesse, além de besteiros, sargentos, ou seja, era uma força treinada e bem equipada⁵⁸. Além disto, é seguro presumir que uma parte significativa destes guerreiros eram veteranos que haviam acompanhado o Condestável nas outras batalhas anteriores da crise, como os Atoleiros ou Aljubarrota, ou mesmo de escaramuças fronteiriças de menor escala.

Ao analisar o lado castelhano, o número de possíveis veteranos é questionável, sendo mencionado nas crónicas que a grande maioria da nobreza que combateu em Valverde não tinha combatido ao lado do seu rei em Aljubarrota. Como foi mencionado em cima, Ayala aponta que as forças castelhanas continham muitos mais peões que homens montados, o que me faz acreditar que, conjugando o curto tempo de recrutamento e o tamanho grande da hoste, estes peões não eram na sua maioria guerreiros treinados.

Existem exceções claro, nomeadamente os contingentes das ordens militares presentes, das quais se encontravam três, Santiago, Alcântara e Calatrava, que mobilizaram os seus cavaleiros e homens de armas. Ainda é claro que os contingentes da nobreza não eram todos compostos por estes peões não profissionais, mas deviam incluir alguns sargentos, além dos homens de armas das suas lanças. Apesar disto, a larga maioria destes milhares de guerreiros mobilizados eram muito provavelmente não-profissionais, mobilizados rapidamente para responder a uma incursão inimiga.

É necessário ainda ponderar o possível moral das hostes presentes, ou seja, a sua disposição para combater. É lógico que praticamente todo o guerreiro, desde o peão obrigado a combater e ao cavaleiro que orientou a sua vida para a guerra, tinham medo de morrer no campo de batalha, ou de ser capturado e humilhado pelo inimigo. O medo é um fator importantíssimo do combate, como apontam João Gouveia Monteiro e Vasco Jorge Rosa da Silva, “(...) era um sentimento muito real e que influenciava de forma profunda a intervenção das gentes de armas nas campanhas e, inclusive, o seu comportamento em combate”⁵⁹.

Observando a hoste portuguesa, apesar da elevada quantidade de veteranos e soldados profissionais presentes na companhia de armas de Nuno Álvares, estes encontravam-se numa situação muito indesejável. Na véspera da batalha, a hoste

⁵⁷ Presentes nas lanças.

⁵⁸ Companhia de armas.

⁵⁹ MONTEIRO, João Gouveia; SILVA, Vasco Jorge da– “O real: A experiência da Guerra”, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004. ISBN 972-42-3071. p. 28.

portuguesa estava dentro de território inimigo, com uma barreira imponente para passar⁶⁰ e com uma hoste castelhana pela sua frente, que possuía uma enorme vantagem numérica.

É possível que muitos temessem o confronto que se avizinhava, e quisessem fugir, render ou até mesmo desertar. É aqui que entra como fator chave o condestável, que já se tinha provado em batalhas anteriores como um líder capaz, conseguindo inspirar as fileiras da sua hoste, denegrindo o poder inimigo aos olhos de quem ia combater de forma a assegurar estabilidade na sua hoste⁶¹.

Além das palavras encorajadoras do condestável, é também de relembrar que a iniciativa da guerra estava do lado de D. João I, cujas forças tinham saído vitoriosas de múltiplas batalhas, como os Atoleiros e Aljubarrota. É então seguro afirmar que a hoste de Nuno Álvares se encontrava de bom moral, muito provavelmente confiante e segura, e preparada para o confronto que se avizinhava.

No que toca ao lado castelhano, dadas as circunstâncias, a derrota devia parecer muito improvável, com uma tamanha vantagem numérica e de terreno, numa ocasião normal, seria natural pensar que as fileiras castelhanas estivessem confiantes na vitória. Mas é prudente relembrar que a maior parte destes guerreiros provavelmente não eram soldados profissionais e foram retirados do seu quotidiano para arriscarem a sua vida em combate, o que não garante nenhuma espécie de solidez no moral geral da hoste.

É necessário ainda ter em mente que até à data da batalha, forças castelhanas já tinham sofrido várias derrotas, nomeadamente em Aljubarrota. Tamanho foi o impacto desta derrota em Castela, que o reino se encontrava em luto, o que sem dúvida deve ter impactado severamente o moral das fileiras castelhanas.

É de apontar ainda que a nobreza castelhana que reuniu e comandou a hoste não participou em Aljubarrota, e estava desejosa de recuperar a sua honra por não ter combatido ao lado do seu rei⁶². Mas enquanto os líderes nobres da hoste ansiavam pela oportunidade de combater, o mesmo não pode ser dito dos milhares de peões levantados rapidamente para responder a esta incursão.

Consideremos então as múltiplas derrotas sofridas na Crise, acompanhadas pelo luto régio e uma hoste composta na sua maioria por contingentes não-profissionais. É seguro afirmar que apesar da vantagem numérica, o moral geral da hoste estava

⁶⁰ Na forma do rio Guadiana.

⁶¹ MONTEIRO, João Gouveia- *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998. (Poliedro da história). ISBN 972-46-0961-8. p. 473.

⁶² LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 140-142.

consideravelmente baixo, e que esta iria perder a sua pouca coesão se algo impactante se sucedesse⁶³.

2.3. O confronto de armas e o seu resultado

Com o amanhecer, a hoste portuguesa continuou a sua marcha em direção a Valverde, o único local nas imediações de travessia do Guadiana, que se encontrava a légua e meia do seu acampamento. A travessia do rio neste ponto iria ser altamente contestada pelas forças castelhanas, que já se encontravam posicionadas em ambas as margens⁶⁴.

A chegada da hoste do Condestável ao campo de batalha foi imediatamente atribulada, sendo ela, segundo as crónicas, parcialmente rodeada pelos contingentes castelhanos presentes no seu lado do rio⁶⁵. Esta primeira força castelhana, muito provavelmente cujo comando deve ter sido delegado ao Mestre de Calatrava ou ao conde de Niebla⁶⁶, devia conter por volta dos 15.000 efetivos, na sua maioria contingentes não profissionais⁶⁷.

Duvidamos que este tenha sido um cerco total, tal movimento seria muito difícil de executar, especialmente por contingentes não-profissionais, mas acredito que tenham conseguido barrar a travessia do rio à força invasora, e que a tenham parcialmente cercado, lançando ataques sobre a vanguarda, retaguarda e a ala que fazia frente à posição castelhana. Decorreram múltiplas escaramuças entre as duas hostes, que resultaram em muitas baixas para ambos os lados⁶⁸.

Nuno Álvares sabia que ação tinha que ser tomada, pois a sua hoste, apesar da vantagem em experiência e qualidade, iria ser erodida pelas ondas castelhanas, e não iria ser capaz de completar a sua travessia. A decisão estratégica do condestável foi de atravessar o rio, onde se encontrava a segunda metade da força castelhana, numerando 10.000 efetivos, sob o comando direto do mestre de Santiago, D. Pedro Moniz. É possível que esta reserva possuísse os contingentes mais proficientes da hoste castelhana, contando com homens de armas e besteiros, sendo os seus efetivos descritos como “entre de cavalo e besteiros e homens de pé”⁶⁹.

⁶³ Como é o caso da morte do seu comandante.

⁶⁴ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...) p. 154.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 154.

⁶⁶ Dois fidalgos importantes que não estavam presentes no cabeço do Mestre de Santiago.

⁶⁷ Ver anexo 4.

⁶⁸ *Ibidem*. p. 154.

⁶⁹ *Ibidem*. p. 155.

É então que o condestável reorganiza a sua formação de batalha, colocando a carriagem da hoste no meio, protegida pela vanguarda na sua frente, a retaguarda atrás e cada uma das alas nos flancos, e ordenou o avanço. Esta audaz estratégia foi liderada pela vanguarda, cujo trabalho foi desbaratar a linha castelhana, atravessar o rio e segurar a outra margem, enquanto as alas e a retaguarda a seguiam, debaixo de fogo. As forças castelhanas em ambas as margens abriram um fogo cerrado de lanças, pedras e setas sobre a hoste portuguesa. O movimento foi completado com sucesso, ao custo de múltiplos feridos e mortos para ambos os lados, apesar das crónicas apontarem que as baixas portuguesas não foram tão numerosas quanto as castelhanas⁷⁰.

A barreira do Guadiana, com muitas dificuldades, foi atravessada, mas a batalha tinha acabado de começar. Esta margem era caracterizada por vários cabeços, pequenas colinas, ocupadas pelas forças castelhanas, e iam tornar-se o foco principal do confronto de armas. Com o rio atravessado, Nuno Álvares liderou a vanguarda portuguesa sobre o primeiro cabeço, onde estavam posicionadas mais forças castelhanas do que tinham estado na margem do rio para opor a sua travessia, conquistando a posição. Enquanto este ataque se sucedia, a retaguarda e alas permaneciam na margem, de forma a opor a travessia das restantes forças castelhanas. O avanço português continuou marchando sobre o cabeço seguinte, onde novamente o número de castelhanos tinha aumentado, mas foram incapazes de resistir ao ataque português⁷¹, que ocupou estas posições⁷².

A vanguarda portuguesa continuou o seu avanço sobre um terceiro cabeço, onde o número de castelhanos era, novamente, superior ao dos confrontos anteriores. Após uma colisão acesa, a posição foi conquistada e a força castelhana retirou, mas o condestável ordenou o avanço português parar⁷³. Este ataque resultou em múltiplas baixas, entre mortos e feridos, para ambos os lados, e a vanguarda portuguesa estava exausta, após se encontrar praticamente em combate constante desde a sua travessia⁷⁴.

É então que a retaguarda chama a atenção do comandante português, pois esta se encontrava fortemente pressionada pelas forças castelhanas que haviam sido deixadas para trás na outra margem. Temendo um colapso da sua retaguarda, o condestável português abandona a vanguarda, ordenando que esta aguarde a sua posição, deixando-os com o seu alferes Diogo Gil, que carregava a sua bandeira. Nuno Álvares percorreu a sua

⁷⁰ *Ibidem.* p. 155.

⁷¹ *Ibidem.* p. 155.

⁷² Ver anexo 5.

⁷³ Ver anexo 6.

⁷⁴ *Ibidem.* p. 156.

retaguarda, temporariamente empurrando as forças castelhanas, e retirando as suas forças mais para dentro de terra e reorganizando as suas linhas, movendo também a carriagem mais para dentro, continuando a ocupar o espaço entre a vanguarda e retaguarda⁷⁵.

Após esta reorganização, o condestável regressa à sua vanguarda, momento em que é avistada uma forte posição castelhana num cabeço próximo, onde estavam as bandeiras do mestre de Santiago, do mestre de Alcântara, de D. Garcia Fernandez, entre outros senhores importantes, ou seja, estava aqui posicionada a liderança castelhana⁷⁶.

Nuno Álvares viu aqui a oportunidade de terminar a batalha com um golpe decisivo, mas a defesa castelhana não vacilou face ao avanço português, atirando pedras, lanças e flechas à medida que as forças do condestável subiam o cabeço, causando múltiplos feridos, incluindo o próprio Nuno Álvares segundo a *CC*, que foi ligeiramente ferido por uma seta no pé. O ataque foi parado e a vanguarda retirou quando o comandante português se apercebeu que a situação na sua retaguarda estava crítica⁷⁷.

As forças castelhanas presentes na outra margem estavam a atravessar em força o Guadiana, colocando uma pressão cada vez maior sobre a posição defensiva portuguesa. No momento em que Nuno Álvares chega, após novamente abandonar a vanguarda, a linha da retaguarda estava muito perto de quebrar. O condestável auxiliou na contenção das forças castelhanas e voltou a reorganizar as linhas portuguesas⁷⁸, atribuiu novas instruções aos comandantes da retaguarda e das alas, além de inspirar as fileiras portuguesas com palavras de encorajamento⁷⁹.

A força portuguesa encontrava-se num estado crítico, e se o ataque sobre o cabeço castelhano falhasse novamente, seria muito provável o colapso da hoste portuguesa, pois é muito duvidoso que a retaguarda, que necessitou de ser reorganizada duas vezes, aguentasse por muito mais tempo os ataques castelhanos, ou que a vanguarda tivesse a força para um terceiro ataque⁸⁰.

É importante ainda a informação fornecida por Ayala, que nos conta que tamanha era a pressão castelhana sobre a linha portuguesa que alguns guerreiros se rendiam e se juntavam ao lado castelhano⁸¹. É muito plausível que o moral das forças portuguesas

⁷⁵ *Ibidem*. p. 156.

⁷⁶ *Ibidem*. pp. 156-157.

⁷⁷ *Ibidem*. p. 157.

⁷⁸ Possivelmente ocupando uma posição mais defensível num dos cabeços conquistados previamente – ver anexo 7.

⁷⁹ *Ibidem*. p. 157.

⁸⁰ Tendo em conta que a vanguarda, apesar de vitoriosa nas suas ofensivas sobre os cabeços, ia sendo desgastada a cada posição tomada, moralmente, fisicamente e nas baixas que acumulava.

⁸¹ LÓPEZ DE AYALA, Pero - *Cronicas de los Reyes de Castilla*. p. 239.

estivesse no seu ponto mais baixo, o que poderá ter resultado em desertores, uma eventualidade comum na guerra, especialmente quando temos em conta que estavam presentes nobres portugueses na hoste castelhana. Se tais rendições decorreram, é quase certo que tenham acontecido na retaguarda portuguesa, que como já vimos esteve em combate aceso contra as forças castelhanas presentes na margem oposta.

Após reorganizar a sua retaguarda, o condestável regressou à posição da vanguarda, que descansava desde a ausência do seu comandante. Nuno Álvares ordenou que os seus guerreiros entrassem em formação e avançassem novamente sobre a posição castelhana no cabeço⁸².

É nesta fase da batalha que decorre o episódio da reza, em que Nuno Álvares terá abandonado a sua hoste para orar e pedir intervenção divina a favor da sua hoste pressionada. Segundo as crónicas portuguesas, o condestável efetuou a sua oração entre uns penedos isolados, enquanto os seus guerreiros eram bombardeados por projéteis castelhanos, muitos ficando feridos e alguns mesmo morrendo.⁸³ O comandante português foi eventualmente encontrado por um dos seus cavaleiros, que lhe pediu para regressar, sendo este pedido recusado por Nuno Álvares. Isto repetiu-se com mais cavaleiros, que imploravam que o seu líder regressasse e comandasse um contra-ataque, mas o condestável não cedeu, só se levantando após terminada a sua oração⁸⁴.

Apesar da grande devoção e piedade demonstrada pelo condestável durante a sua vida⁸⁵, este evento não deve passar de um elemento embelezador para a brutalidade de uma batalha. É extremamente difícil de acreditar que um comandante⁸⁶ abandonasse a sua hoste a meio de uma batalha, da qual não havia fuga possível, enquanto a moral dos seus homens devia estar perto de colapsar, estando a vanguarda sobre fogo castelhano oriundo do cabeço fortificado e a retaguarda fortemente pressionada.

É completamente plausível que Nuno Álvares, e todos os seus guerreiros, individualmente implorassem e orassem pela vitória, e a sua vida. O campo de batalha medieval era altamente movido pela fé, como aponta João Gouveia Monteiro “o sentimento religioso sempre auxiliava os combatentes a superar os seus medos”⁸⁷.

⁸² *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...) p. 157.

⁸³ *Ibidem*. p. 157.

⁸⁴ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 150.

⁸⁵ Nuno Álvares terminou os seus dias como um humilde monge inclusive.

⁸⁶ Inclusive com a experiência de batalha de Nuno Álvares.

⁸⁷ MONTEIRO, João Gouveia- *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. (...) p. 467.

Mas uma ausência do seu comandante colocava, em primeiro lugar a hoste portuguesa sem liderança, o que muito provavelmente levaria a um colapso das linhas, altamente pressionadas, e do moral dos guerreiros, que eram sem dúvida inspirados pela coragem e habilidade marcial do condestável, e em segundo plano, poderia resultar na captura do condestável, isolado no caos da batalha, por forças inimigas, o que colocaria um fim imediato à batalha.

Colocando a veracidade deste pequeno evento de lado, a batalha iria agora entrar na sua fase final, que ainda se encontrava longe de decidida. Esta deve ter sido a última jogada por Nuno Álvares para inverter o rumo da batalha. Se este ataque tivesse sido repulso, muito provavelmente um contra-ataque castelhano quebrava o que restava da coesão da vanguarda portuguesa, que deve ter gastado as suas últimas energias nesta ofensiva. Enquanto este confronto decorria, a pressão castelhana sobre a retaguarda portuguesa aproximava-se cada vez mais de quebrar as linhas do Prior do Hospital, apanhando a vanguarda portuguesa em ambos os lados.

O condestável liderou a sua vanguarda num último ataque sobre o cabeço fortificado. Enquanto as forças portuguesas atacavam monte acima, os castelhanos contra-atacaram, descendo do cabeço contingentes de cavalaria e peões liderados pelo Mestre de Santiago, e confrontando a força inimiga na descida. Esta carga monte abaixo deu mais ímpeto à força castelhana, mas a vanguarda portuguesa, toda a pé não cedeu, e gerou uma dura batalha na encosta. A vanguarda portuguesa, pela sua vantagem de experiência ou simplesmente pela pura ferocidade do seu ataque, penetrou a linha castelhana, encontrando e derrubando D. Pedro Moniz do seu cavalo e decapitando o mestre de Santiago, tal como outros cavaleiros de renome castelhanos⁸⁸.

As forças castelhanas, completamente desmoralizadas com a morte do seu comandante, iniciaram uma retirada desorganizada⁸⁹, que rapidamente se tornou numa debandada geral, enquanto a restante nobreza castelhana abandonou o campo de batalha, temendo sofrer o mesmo final que o Mestre de Santiago⁹⁰.

Ao observar as bandeiras portuguesas sobre o cabeço conquistado e a fuga da força principal, a hoste castelhana da margem oposta bateu também retirada, abandonando o campo de batalha. Nuno Álvares ordenou que os seus cavaleiros montassem novamente, perseguindo a força castelhana por uma légua, regressando à

⁸⁸ *Ibidem*. p. 151-152.

⁸⁹ Ver anexo 7.

⁹⁰ LÓPEZ DE AYALA, Pero- *Cronicas de los Reyes de Castilla*. p. 140.

força portuguesa ao cair da noite, que havia montado acampamento em Valverde. As baixas da vanguarda portuguesa neste último ataque foram consideráveis, mas reduzidas em comparação às infligidas à força castelhana⁹¹.

A CC aponta que a batalha durou dois dias, de sol a sol⁹². Isto parece-me muito improvável, primeiramente porque não há nenhuma informação presente sobre o fim de hostilidades e um regresso ao acampamento. E em segundo plano, seria um erro estratégico muito grande montar acampamento tão perto do inimigo, especialmente neste caso, pois as forças castelhanas rodeavam a posição portuguesa, e muito facilmente podiam marchar sobre os portugueses acampados durante a noite.

Pensamos que a batalha tenha decorrido ao longo do dia, tendo a hoste portuguesa chegado ao campo de batalha pela manhã, onde foram travados os primeiros combates. A travessia da hoste rodeada sucedeu-se por volta do meio-dia, depois disto a vanguarda passou o início da tarde nos combates pelos primeiros três cabeços. Sucederam-se então as duas reorganizações da retaguarda, com o primeiro ataque falhado sobre o cabeço do mestre de Santiago no seu meio, sendo o ataque decisivo lançado a meio da tarde, gerando umas horas de combate aceso, até à morte de D. Pedro Moniz, seguida de uma perseguição montada até ao anoitecer dos castelhanos que fugiam do campo de batalha.

2.4. Considerações sobre Valverde e o regresso dos vitoriosos

A vitória portuguesa deve-se a múltiplos fatores. A diferença de qualidade entre as hostes impactou muito o rumo da batalha, a proficiência da hoste portuguesa permitiu as estratégias arrojadas de Nuno Álvares, que lançou metade da sua hoste em múltiplos ataques sobre posições fortificadas por um inimigo numericamente superior, enquanto a outra metade defendeu, sem a sua presença, a margem recém-conquistada das restantes forças castelhanas.

O comando de Nuno Álvares Pereira foi importantíssimo, conseguindo responder a uma situação muito desfavorável. O condestável executou uma travessia de um rio debaixo de fogo, cercado por combate em ambas as margens, um feito militar notável. O ataque da vanguarda portuguesa, comandada pelo mesmo, foi muito eficaz, só parando na verdadeira barreira que era o último cabeço. Esta batalha exemplifica bem a excelência marcial do condestável, que conseguiu manter a iniciativa da batalha firmemente na sua mão, apesar de se encontrar numa enorme desvantagem numérica. Além disso, são de

⁹¹ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...). p. 152.

⁹² *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...). p. 159.

notar as suas reorganizações da retaguarda, que estabilizaram a defesa portuguesa da margem. O seu comando a partir da linha da frente, combinado com a sua habilidade de inspiração, impediram ainda o moral português de colapsar.

É também de apontar a qualidade dos comandantes secundários da hoste portuguesa, nomeadamente o prior do Hospital, que liderou uma defesa forte da retaguarda face a múltiplos ataques castelhanos, que foi fulcral para a vitória portuguesa.

Em contraste, é de criticar a liderança castelhana, que não conseguiu atingir vitória sobre a força portuguesa, apesar da sua grande vantagem numérica e de terreno. A divisão da força castelhana em ambas as margens do rio foi um erro tático que condenou o lado castelhano. O cerco parcial montado na fase inicial da batalha foi uma manobra notável, mas foi incapaz de impedir a travessia por parte da hoste portuguesa. Após isto, a segunda metade do exército castelhano teve de atravessar o rio, de forma a perseguir a retaguarda portuguesa, que foi capaz de defender a margem do Guadiana, impedindo que esta viesse ao auxílio do Mestre de Santiago.

Mesmo apesar disto, a vitória estava bem ao alcance das forças castelhanas, mas a complacência da liderança castelhana condenou-os à derrota. As forças do Mestre de Santiago escolheram espalhar a sua força pelos diferentes cabeços, não usufruindo da sua vantagem numérica, caindo um atrás do outro para a vanguarda portuguesa. A liderança castelhana podia ter consolidado a sua força, e ter lançado um ataque coordenado a partir dos cabeços e da margem oposta, cercando novamente a hoste portuguesa. Se um novo cerco tivesse sido efetuado pela força castelhana inteira, a derrota da hoste invasora seria quase garantida.

O que levanta a pergunta, porquê a divisão da força castelhana? Se esta tivesse ficado unida na margem oriental, efetuando o mesmo cerco inicial com o número total dos seus efetivos, tinham triunfado sobre o condestável. É possível que a liderança castelhana pensasse que metade da sua força era suficiente para derrotar Nuno Álvares, ou pelo menos parar a sua travessia. Ou talvez o plano original castelhano fosse defender os cabeços do outro lado do rio com a sua força inteira, e a aproximação da hoste portuguesa os apanhou durante este movimento, decidindo adotar outra estratégia.

É muito difícil apurar número para as baixas de ambos os lados, mas seguro que as baixas foram altas para ambos os lados. Acredito que as baixas castelhanas tenham sido consideravelmente superiores às baixas da hoste portuguesa, mas, devido à grande diferença numérica, a percentagem de baixas dentro da força portuguesa deve ter sido notável. Podemos considerar então que, a nível tático, foi uma vitória pírrica para as

forças portuguesas, devido às baixas sofridas, mas uma vitória decisiva a nível estratégico. Nuno Álvares havia eliminado uma parte importante da liderança castelhana, tendo morrido em batalha o Mestre de Santiago, um dos mais importantes líderes militares de Castela, além do dano causado sobre importantes reservas de homens castelhanos, infligindo um golpe mortal ao esforço de guerra inimigo. Seria a última batalha desta escala no conflito, o que demonstra bem o seu impacto.

No que toca à mais notável das baixas castelhanas, D. Juan I substituiu o recém-falecido D. Pedro Moniz por D. Garcia Fernandez de Villagarcia como comendador maior de Castela na Ordem de Santiago⁹³.

Após uma noite de descanso, a hoste portuguesa continuou a sua marcha em direção a Portugal, passando por Mérida, onde se tinham refugiado muitos sobreviventes da batalha que, segundo as crónicas, saíram da vila para observar a hoste portuguesa, sendo forçados a regressar por um destacamento enviado pelo condestável. A hoste acampou em Senerra, onde novamente foi observada, tendo supostamente ganho Nuno Álvares a admiração dos seus inimigos. Após estes episódios, a hoste marchou novamente em direção a Portugal, com o Condestável na retaguarda, caso houvesse alguma tentativa final de o parar, mas esta chegou tranquilamente a Elvas, onde foi recebida com entusiasmo pela população, expondo todos os prisioneiros, saque e gado capturados. Terminava assim a grande incursão de Nuno Álvares, após 18 dias de campanha⁹⁴.

Sobre a data da batalha, ela é normalmente colocada na segunda ou na terceira semana de outubro, mas João Gouveia Monteiro propõe que esta tenha sido travada entre 5 e 7 de outubro, apontando que D. João I, que é informado dos acontecimentos ainda no Porto, só esteve presente na cidade até ao dia 14⁹⁵, o que significaria que ela foi lançada na terceira semana de setembro, e que a preparação desta incursão tivesse começado ainda no mês de agosto.

Este pormenor da descoberta dos acontecimentos de Valverde pelo rei é exposto por Fernão Lopes, que revela que o rei D. João I não se encontrava informado desta expedição do seu Condestável. O que por si expõe claramente o grau de independência que Nuno Álvares tinha nas suas ações, além da confiança que o mestre de Avis tinha depositado no seu principal general. O monarca descobriu os eventos através do próprio

⁹³ LÓPEZ DE AYALA, Pero- *Cronicas de los Reyes de Castilla*. p. 140.

⁹⁴ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 153.

⁹⁵ MONTEIRO, João Gouveia- *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo: os três rostos do Condestável*. (...) p. 117-118.

Nuno Álvares, que lhe pediu perdão pelas suas ações. D. João ficou muito satisfeito com a campanha, recompensando o seu Condestável com o condado de Barcelos⁹⁶.

Conclusão

A batalha de Valverde foi um confronto de grandes proporções, e marca-se como a última batalha desta envergadura na Crise de 1383/85, apesar do conflito entre os reinos de Castela e Portugal se prolongar até 1411, quando paz foi finalmente acordada entre os dois beligerantes.

Este confronto surge como resultado de uma incursão por parte de uma hoste de número considerável e extremamente autónoma, sob o comando do condestável de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira, que havia sido reunida em Évora desde o final de agosto, sendo a campanha lançada na terceira semana de setembro, durando 18 dias.

A incursão foi caracterizada pelo saque de muito gado e pilhagem dos povoamentos no caminho da hoste, resultando em grande destruição sobre as terras invadidas. O objetivo desta campanha é incerto, mas creio que a batalha de Valverde terá sido desejada pelo condestável. Nuno Álvares, além de preferir batalhas campais a cercos prolongados, desejava enfraquecer a liderança castelhana e o esforço de guerra de Castela, capitalizando após a grande vitória de Aljubarrota. Tomavam agora a iniciativa as forças de D. João I, enquanto os castelhanos eram colocados na defensiva.

Apesar de desejar uma batalha decisiva, duvidamos que o condestável estivesse à espera da resposta que recebeu, visto que a nobreza e as ordens militares reuniram uma grande força, que colocava a sua numa enorme desvantagem numérica, após um levantamento de tropas nas regiões da Andaluzia, Extremadura e a fronteira com Aragão, além das grandes cidades de Sevilha e Córdoba.

A hoste procurou atravessar o Guadiana, em Valverde de Mérida, de forma a regressar a Portugal, local onde foram confrontados. As forças de Nuno Álvares foram rodeadas na sua chegada ao campo de batalha, escolhendo o comandante português forçar a travessia do rio, de forma a estabilizar a sua frente de batalha. O confronto divide-se em dois focos, a defesa da margem do Guadiana pela retaguarda face aos ataques da força castelhana secundária, e os ataques da vanguarda sobre os cabeços em volta da margem.

O combate foi feroz, e após horas de combate, que viram Nuno Álvares alternar entre a vanguarda e a retaguarda, e ataques sem sucesso sobre a posição castelhana, a

⁹⁶ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...) p. 162.

derrota era iminente. O condestável liderou um último ataque sobre um dos cabeços, após ter sido avistada a bandeira do mestre de Santiago, o comandante principal da força castelhana. Este ataque resultou na morte do mestre, o que quebrou a moral castelhana, que iniciaram uma debandada geral, sendo perseguidos por uma légua pela hoste de Nuno Álvares.

Esta investigação teve como objetivo a exploração da batalha de Valverde, um confronto de armas rodeado por múltiplas questões, tais como o objetivo desta campanha ou o número de guerreiros que nela participavam. No seu desenvolvimento, procuramos possíveis soluções para essas questões, com o auxílio das descrições presentes nas crónicas, que são a nossa única porta de entrada para este evento, acompanhadas da comparação a uma campanha sua contemporânea mais clara, com detalhes muito semelhantes, de forma a obter uma visão mais aproximada da realidade, e do uso de alguma especulação e reflexão, apoiada nas descrições das crónicas e na bibliografia selecionada.

Esperamos que este trabalho tenha sucedido nos seus objetivos, e que tenha contribuído para a exploração da batalha de Valverde, ao propor possíveis respostas às suas múltiplas perguntas. Pretendemos ainda demarcar a importância deste confronto de armas, que muitas vezes vive na sombra da batalha travada em Aljubarrota, sendo simplesmente vista como uma continuação dela, possivelmente como uma segunda ronda da batalha real. Propomos que Valverde tenha sido muito mais que isso. Apesar da vitória em Aljubarrota ter conferido a iniciativa da guerra ao lado de D. João I, na nossa ótica, Valverde foi o golpe devastador final à causa castelhana, orquestrado por Nuno Álvares, que viu não só um dos seus principais comandantes morto, mas também importantes reservas que não tinham participado na batalha ao lado de D. Juan, devastadas e derrotadas pelo condestável de Portugal. Propomos então que Valverde foi uma capitalização sobre a iniciativa ganha em Aljubarrota, sendo infligido um golpe mortal na capacidade militar castelhana, do qual o enfraquecido reino iria ter grandes dificuldades em recuperar.

Fontes Impressas

Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1972.

LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. Porto, Livraria Civilização, 1983.

LÓPEZ DE AYALA, Pero- *Cronicas de los Reyes de Castilla: Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, Don Enrique III*. Madrid, 1779: Imp. de Antonio de Sancha.

Bibliografia

Dicionário de História de Portugal. Porto: Figueirinhas, 1999-2000 Vols. I, II, III, V, coord. de Joel Serrão.

MARQUES, A. H. de Oliveira- *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*. Lisboa: Presença, 1987. Vol. 4 de: Nova História de Portugal/dir. de Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques.

MONTEIRO, João Gouveia- *A guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998. (Poliedro da história). ISBN 972-46-0961-8.

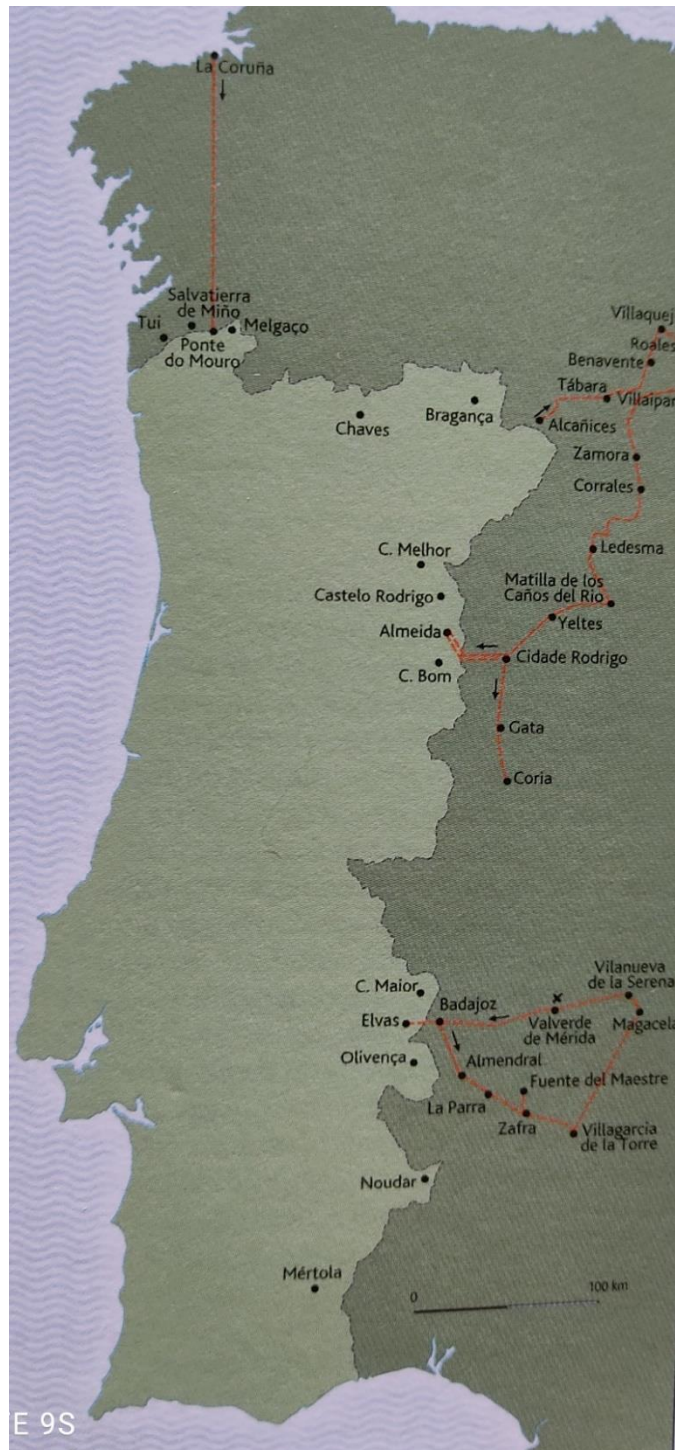
MONTEIRO, João Gouveia- “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449)- Os desafios da Maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004.- ISBN 972-42-3075-9.

MONTEIRO, João Gouveia- *Nuno Álvares Pereira: guerreiro, senhor feudal, santo: os três rostos do Condestável*. Barcarena: Letras & Diálogos, 2017. (Manuscrito). ISBN 978-989-8871-24-4.

MONTEIRO, João Gouveia; SILVA, Vasco Jorge da – “O real: A experiência da Guerra”, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004. ISBN 972-42-3071, pp.12-41.

Anexos

Figura 1- A guerra entre Portugal e Castela, 1385-1393



Fonte: A. H. de Oliveira Marques, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Lisboa, Presença, 1987, pág. 533.

Mapa in: MONTEIRO, João Gouveia- De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449)- Os desafios da Maturidade, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004. pág. 275.

Tabela 1- Tabela com as informações sobre número de efetivos presentes nas crónicas

	Crónica do Condestável ⁹⁷	Crónica de D. João I ⁹⁸	Crónica dos Reis de Castela ⁹⁹
<i>Lanças</i>	800	1000	800
<i>Peões</i>	6000	2000 ¹⁰⁰	6000

⁹⁷ *Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*. (...). pág.147-148.

⁹⁸ LOPES, Fernão- *Crónica de D. João I*, intr. Humberto Baquero Moreno. (...). pág.140.

⁹⁹ LÓPEZ DE AYALA, Pero- *Cronicas de los Reyes de Castilla*. pág. 239.

¹⁰⁰ Além de peões, Fernão Lopes aponta que este contingente de 2000 efetivos incluía besteiros.

Figura 2- Panorâmica atual da região de Valverde, Mérida



Imagem in: MONTEIRO, João Gouveia- “De D. Afonso IV (1325) à batalha de Alfarrobeira (1449)- Os desafios da Maturidade”, in *Nova História Militar de Portugal*, coord. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003-2004. pág. 276.

Figura 3- Mapa da primeira fase da batalha de Valverde, de autoria própria

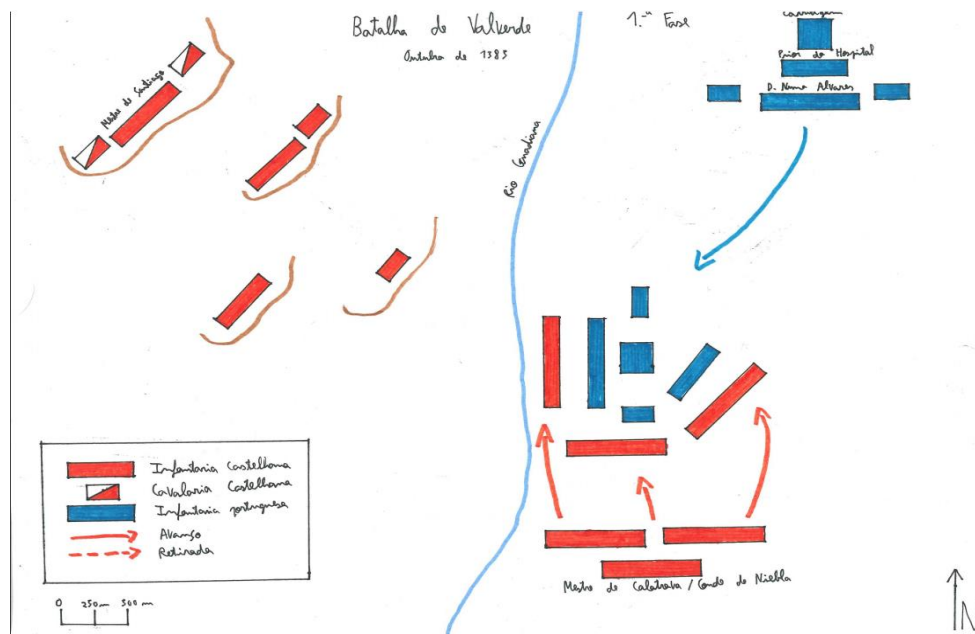


Figura 4- Mapa da segunda fase da batalha de Valverde, de autoria própria

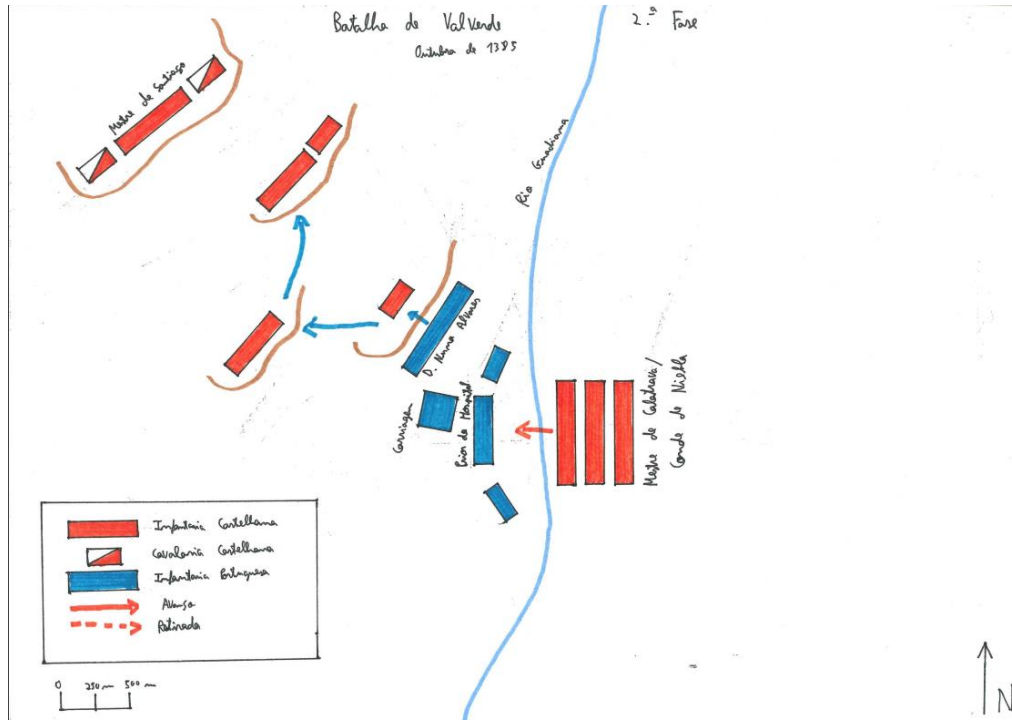


Figura 5- Mapa da terceira fase da batalha de Valverde, de autoria própria

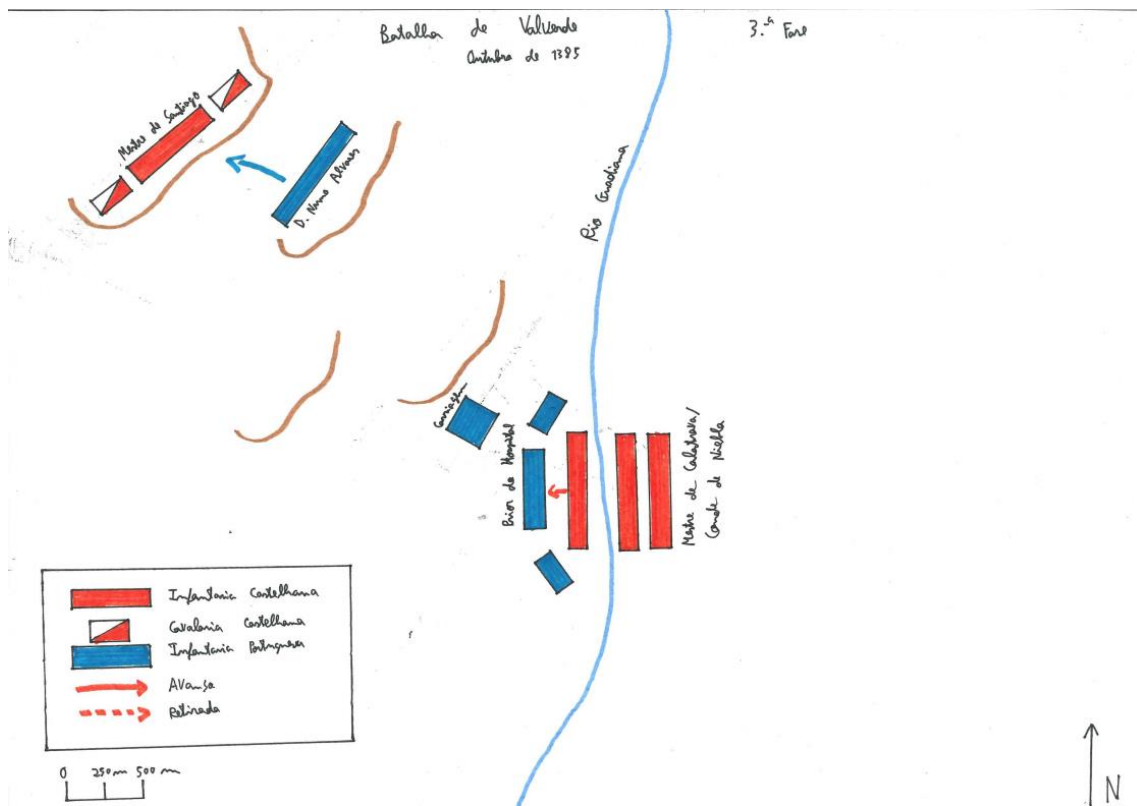


Figura 6- Mapa da quarta e última fase da batalha de Valverde, de autoria própria

